

## **ENSINO E APRENDIZAGEM DIALÓGICA: CAMINHOS PARA A EMANCIPAÇÃO**

Aline Cristina Pedrozo Pereira<sup>1</sup>; Prof<sup>o</sup> Dr. Antonio Francisco Marques<sup>2</sup>; Profa Dra Maria da Glória Minguili<sup>3</sup>

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica – Mestrado Profissional - Unesp/Bauru, E-mail: [acpedrozo@yahoo.com.br](mailto:acpedrozo@yahoo.com.br); 2 Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Marília. Professor assistente da Unesp/Bauru, exercendo atividade de docência nas licenciaturas e Mestrado em Docência Para a Educação Básica, E-mail: [amarques@fc.unesp.br](mailto:amarques@fc.unesp.br); 3 Doutora em Educação pela Unicamp-Campinas. Professora aposentada da Faculdade de Ciências (FC) da Unesp-Bauru, Professora convidada do Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas (CENPP) da Unesp para integrar a Comissão Local do CENEPP na F.C. – Bauru. E-mail: [glorinhaminguili@gmail.com](mailto:glorinhaminguili@gmail.com)

### **RESUMO**

O presente trabalho traz uma reflexão sobre o ensino dialógico, reflexivo e compreensivo, apresentando considerações de Bakhtin (2010), Vygotsky (2009) e Freire (1996; 2005) sobre a importância do diálogo no processo ensino-aprendizagem e na emancipação dos alunos, futuros cidadãos. Buscando auxiliar os professores na organização do ensino e aprendizagem dialógica a seus alunos, o trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica com reflexões sobre a prática pedagógica do diálogo que tem como principal função garantir momentos de construção de conhecimento científico sobre a realidade do mundo e das pessoas. Para tanto, busca-se incentivar a análise e reflexão a partir da relação dos alunos com a própria realidade. A pesquisa bibliográfica baseia-se no trabalho de Gil (2008); é de cunho qualitativo e indica o caminho para o estudo da aprendizagem dialógica e as reflexões que os autores acima citados colocam em relação à emancipação pessoal, intelectual e social dos alunos. A pesquisa apresenta a linguagem como instrumento necessário para a construção do conhecimento e o diálogo como fonte essencial das interações humanas, o trabalho traçou relações entre linguagem, pensamento, diálogo, troca de conhecimento e formação do cidadão reflexivo, crítico de sua realidade e transformador da mesma que são características essenciais para a emancipação dos agentes sociais e, conseqüentemente, para a inclusão nas relações e decisões da sua realidade. O caráter político da educação e dos professores também é discutido nesse trabalho e visto como fundamental na mudança de cenário histórico e cultural da reprodução das ideologias e estruturas dominantes.

**Palavras-chave:** Diálogo. Aprendizagem. Emancipação Intelectual e social.

### **INTRODUÇÃO**

O ensino e aprendizagem dialógica há tempos são discutidos nos vários campos da educação, porém poucas práticas significativas são vistas na escola.

Esse trabalho é um recorte da minha pesquisa para a dissertação de mestrado e tem como premissa que no processo de ensino e aprendizagem tanto o professor como o aluno são membros atuantes e assim, deve-se respeitar o conhecimento, a vivência e as reflexões de ambos que, juntos, trazem enriquecimentos e agregam cultura e historicidade a todas as discussões e manifestações. Essa troca só é permitida por meio da dialogicidade e do respeito entre todos os envolvidos.

Ao trabalhar nas escolas e ao observar a prática docente, inclusive as nossas próprias práticas, percebemos que o diálogo e a troca de informação entre professor/aluno e aluno/aluno são pouco utilizados como estratégias para o desenvolvimento da linguagem oral e tão pouco como meio de ensino. As trocas e aprendizagens no diálogo pela/na contradição, com vista na ampliação de conhecimentos como também na contraposição de ideias e ressignificações por meio das falas alheias, da exposição de informações e do conflito com os conhecimentos científicos são pouco aproveitados na escola.

Alguns autores criticam a relação de diálogo realizada na escola, justificando que o que mais se verifica na prática é o gerenciamento equivocado do professor que ou fica somente na reflexão dos alunos e não cresce em novos conhecimentos científicos ou vai direto a apresentação, pelo professor, do conhecimento científico sem antes problematizar os conhecimentos prévios e de proporcionar momentos de busca e reflexão do conhecimento pelos alunos (GOÉS, 1997).

Esse é um grande desafio do ensino dialógico e ponto central dessa pesquisa que visa a garantia da relação entre todos os indivíduos nesse movimento do falar e problematizar, no respeito pelo posicionamento do outro, do aceitar ou negar afirmações, como também a apresentação do novo, do científico, não como verdade absoluta, mas como parte de uma história e de uma cultura que já estudou e pesquisou muito sobre o assunto e que, até o momento, chegou a muitas construções e compreensões desse mundo, tendo o professor como mediador dessa apropriação histórica e cultural do aluno.

O objetivo desse trabalho é refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem, voltando-se para a aprendizagem compreensiva e reflexiva por meio do diálogo, reflexões e ações embasados no conhecimento científico, relacionados ao contexto sócio-histórico-cultural dos alunos de forma planejada e sistematizada para que não fiquem no fazer empírico, mas que compreendam os conteúdos e suas relações com o mundo e com a vida.

Dessa forma, o trabalho, segundo Gil (2008) se propõe a fazer uma pesquisa bibliográfica, com base em livros e artigos acadêmicos, apresentando reflexões e caminhos para um ensino dialógico e reflexivo já estudados anteriormente e legitimados pela Ciência. A pesquisa também é qualitativa e segue o método dialético, considerando as várias nuances da realidade para uma interpretação dinâmica e totalizante dos fenômenos em questão, analisando não só os fatos, mas as contradições existentes nessa trajetória, discutindo e relacionando as teorias.

Para compreender melhor as relações de linguagem com o aprendizado mais crítico e reflexivo, este trabalho utilizará como referência fundamental os estudos de Bakhtin (2010) quanto à linguagem, enfatizando as diferentes vozes e ideologias presentes na formação do pensamento; Vygotsky (2009) e Vygotsky et al (2017) quanto a relação pensamento e linguagem como também o aprendizado em meio social de forma inter e intrapsíquica e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Com Freire (1977; 1996; 2005) veremos a importância do

diálogo no processo ensino-aprendizagem e na emancipação intelectual, pessoal e social dos alunos, garantindo assim, a construção da cidadania desde a escola.

## **A LINGUAGEM E A FORMAÇÃO DO AGENTE SOCIAL: APRENDIZAGENS E FORMAÇÃO DO PENSAMENTO**

Os mais diversos estudos apontam que a linguagem é uma das funções mais importante na constituição do homem e no processo de apropriação dos conhecimentos historicamente construídos. Vygotsky et al. (2017) ressalta que toda aprendizagem e a formação do pensamento partem do plano social, intersubjetivo, até ser apropriada no plano intrasubjetivo, individual, e essa apropriação só acontece por meio de interações das quais a linguagem é processo e também resultado.

Nesse sentido, Vygotsky (2009) salienta o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, demonstrando que um indivíduo que está em seu nível de desenvolvimento real, com pouco conhecimento sobre um assunto, em interação com o outro, pode aprender e ressignificar o que já conhecia anteriormente. Nessa interação, passa a realizar o que sozinho ainda não conseguia fazer, chegando a seu nível de desenvolvimento potencial após a interação com o professor ou com outros alunos. Dessa forma, novas interações poderão levar a novos significados ou ressignificados, sucessivamente. Assim, não só haverá mudanças no pensamento, mas também na linguagem, na interiorização e significação das coisas e pessoas.

Desse modo, partindo do pressuposto que a aprendizagem é dialógica, ou seja, ocorre na interação e comunicação entre os membros dessa relação, a linguagem, como instrumento de ensino e de aprendizagem, não pode ser uma via de mão única, mas sim uma ligação, uma ferramenta entre duas ou mais pessoas para que haja a comunicação, compreensão e apropriação de conhecimentos e significados.

Para Vygotsky (2009),

[...] o significado pode ser visto igualmente como fenômeno da linguagem por sua natureza e como fenômeno do campo do pensamento. Não podemos falar de significado da palavra tomado separadamente. O que ele significa? Linguagem ou pensamento? Ele é ao mesmo tempo linguagem e pensamento porque é uma unidade do pensamento verbalizado (VYGOTSKY, 2009, p.10).

Essa relação é muito importante e necessária de compreensão por parte dos professores e demais educadores, pois demonstra que todo trabalho cognitivo necessita da linguagem e que não dá para desenvolver conceitos sem antes significar, resgatar conhecimentos e ampliá-los e isso se faz por meio do desenvolvimento da linguagem e do pensamento em conjunto. “Sem significado a palavra não é palavra, mas som vazio. Privada do significado, ela já não pertence ao reino da linguagem” (Vygotsky, 2009, p. 10).

Assevera-se assim que a aprendizagem ocorre por meio do diálogo e do entendimento de ambas as partes sobre os signos, as formas e relações estabelecidas com e no mundo. Somente assim há a significação das coisas e a formação do pensamento e da linguagem.

Freire (2005), por meio de muitas reflexões, vai elevar o diálogo a um grau de importância muito grande na aprendizagem e na transformação da realidade que irradia por muitas outras teorias até hoje estabelecidas. Para Freire (2005), o diálogo é parte da natureza humana, é por meio dele que nos diferenciamos de outras espécies e assumimos o caráter de criador e transformador. Ele ainda ressalta que é no diálogo que conhecemos o mundo e temos a chance de analisá-lo, discuti-lo e transformá-lo. Enfatiza ainda que se a educação promove o diálogo, ela certamente emancipará, mas se não promove, ela não terá grande valia, pois ficará apenas depositada em mente, mas não será levada como ferramenta de transformação e de superação tanto cultural como social.

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. [...] O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação (FREIRE, 2005, p. 78).

O caráter político que Freire (2005) ressalta é exatamente o ponto chave de toda discussão aqui pretendida, a luta por uma educação que colocará o aluno no diálogo e que utilizará a linguagem e as interações como ferramenta para aprimorar o pensamento e conseqüentemente entender as nuances desse mundo, analisando o que é positivo e o que precisa ser modificado. Uma educação crítica que possibilita aos seus educandos reverterem sistemas existentes, não mais reproduzindo o que vem há século imposto, mas abrindo portas para a criação de novas possibilidades e novos horizontes.

É preciso, assim, proporcionar uma educação que dá a palavra ao aluno, que o faz refletir e dialogar sobre suas condições e que acima de tudo faça com que seus participantes sejam capazes de pronunciar o mundo e em reflexão coletiva, abrir espaço para a natureza transformadora do ser humano que conhecendo melhor o seu espaço e suas vivências poderá anunciar novas formas de resolução dos problemas e de tomadas de decisões.

Paulo Freire (2005) enfatiza que o diálogo é o recurso que garante uma educação libertadora e reflexiva e ainda assinala que a mera transmissão do conhecimento, “depósito de informação”, característica do modelo tradicional de ensino, só faz reforçar a dominação cultural e política, impedindo a conscientização dos homens.

O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabem também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder (FREIRE, 2005, p. 46)

A afirmação de Freire (2005) é bastante direta quanto ao homem dialógico, que quando formado, não mais entende o mundo como uma situação pronta e acabada, mas sim como um

processo em construção, de constantes mudanças e encara os desafios, criando e recriando formas de melhorá-lo. A formação dialógica, assim, não é somente uma metodologia de ensino, mas uma decisão ou intenção política do educador em formar esse ser humano dialógico ou não.

Bakhtin (2010) assinala também alguns aspectos, enquanto filosofia da linguagem, que nos faz pensar e relacionar as discussões deste trabalho: “em que medida a linguagem determina a consciência, a atividade mental; em que medida a ideologia determina a linguagem?” (BAKHTIN, 2010, p.13).

Pelo método sociológico, o autor relaciona a linguagem com a infraestrutura e superestrutura, assinalando que a linguagem oral e escrita é determinada pelas esferas de dominação humana e que ela é praticamente mais um instrumento de luta de classes, cheia de ideologias e signos, de valores semiotizados que são disseminados nos diálogos. Assim todo discurso, todo diálogo tem um valor que pode ser de dominação e de reprodução ou, pelo contrário, também pode ser de libertação.

Com essa citação, pode-se verificar a importância do professor como promotor de reflexões sobre as formas e sistemas políticos, econômicos e sociais que determinam a infraestrutura econômica e superestrutura social e cultural, para que haja a possibilidade de análise das mesmas e da busca por novas formas de organização, após o suporte e conhecimento científico escolar e de mundo que os empoderem para a luta contra a divisão e/ou hegemonia de classes.

Destaca-se em Bakhtin (2010) a mudança de sentido da fala que antes era vista ou somente como expressão do interior do falante (subjativismo idealista) ou somente expressão do que abstrai do exterior, da sociedade (objetivismo abstrato) e que, nessa visão bakhtiniana, passa a ser vista como um dualismo entre a linguagem interior versus a linguagem exterior, uma vez que o social interfere na constituição do indivíduo como também no princípio da alteridade, onde a minha dimensão do eu é feita a partir do outro, sendo a palavra, ou as palavras, a semiotização dessas minhas vivências, aprendizagens e formações (BAKHTIN, 2010).

Não é a reprodução dos outros, mas a reflexão e as relações que cada indivíduo faz do que já aprendeu, leu, ouviu - o que para Bakhtin isso significa tematizar - que forma a consciência. Assim, o diálogo entre os participantes do processo de ensino e aprendizagem é meio para a semiotização do mundo e para o entendimento das relações estabelecidas nele.

Volta-se aqui em Freire (1996) ressaltando a importância da autonomia dos professores e alunos, sendo que aos professores cabe a autonomia de compor seu currículo e sua fala que assume em seu caráter político a responsabilidade de formar cidadãos críticos capazes de refletir sua realidade e transformá-la e, aos alunos, cabe a autonomia de conhecer, relacionar, decidir caminhos e assumir um papel transformador dessa realidade.

O diálogo promove essa aprendizagem mais crítica e reflexiva e abre espaço para novas visões, vivências e opiniões que formam um ser humano pleno e responsável por mudanças não somente suas, mas de uma coletividade, de uma formação social.

Paulo Freire (1977) assinala que o diálogo é a base de uma autêntica educação. Em “Extensão ou comunicação” Freire denuncia a educação de Extensão, contrária ao diálogo e a valorização dos saberes culturais, afirmando que esta prioriza a invasão cultural que impõe saberes, técnicas, modernidades e humanismo que nem sempre são sinais de desenvolvimento e transformação, mas sim de manipulação e controle, de continuidade e permanência do status quo

e das poderosas relações econômicas. Para o autor no processo de extensão há uma mera captação de conteúdos estendidos e “a mera captação dos objetos como das coisas, é um puro dar-se conta deles e não ainda conhecê-los” (FREIRE, 1977, p.26 e 27).

Ele ainda chama a atenção para a contradição educador-educando e educando-educador, sendo ambos peças-chave no processo educativo, sem privilégios um sobre o outro. Assim, ao educador não se emprega o termo extensão (de significado de persuasão de ideias, de expandir seus ideais), mas sim de comunicação, de troca e discussão de conhecimentos, pois não se trata de um saber mais que o outro, mas, segundo Freire (1977):

“educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais” (FREIRE, 1977, p. 25).

O pensamento de Bakhtin (2010) e Freire (1996, 2005) corroboram com o de Vygotsky (2009), pois todos assinalam que a formação do indivíduo parte das relações interpessoais (sociais) para as intrapsíquicas (individuais). Vygotsky ainda assinala que estas relações são feitas por instrumentos e signos, sendo a linguagem um deles, os quais desenvolvem as funções psicológicas superiores como a memória, atenção, percepção como também a formação do pensamento e das ações de cada participante.

Bakhtin (2010) considera no dialogismo as vozes do outro como reflexo das falas de cada sujeito e a ressignificação ou incorporação realizada nessa ação do falar. Assim, para este autor, o diálogo é uma junção de enunciados que se entrelaçam e formam novos e novos enunciados, com alternância entre eles e com a presença reforçada de falas responsivas, impregnada de contexto, história e estrutura política, econômica, social e cultural. Dessa forma, a educação e a escola, são instrumentos essenciais para a promoção desse espaço de diálogo e de trocas de conhecimentos culturais e científicos capazes de ampliar as significações e formar enunciados próprios.

Paulo Freire em seus diversos livros e depoimentos enfatizava que utilizava a estratégias dialógicas para fazer uma educação problematizadora e de gerenciamento de conflitos. Os alunos sempre eram chamados a participar das discussões, a buscar soluções e comprometiam-se com a sua aprendizagem de forma crítica e criativa, pois nesse processo, eles davam novo sentido a esta aprendizagem ao fazerem relações com sua realidade. Dessa forma, o professor tem o papel de ajudar nessa articulação das ideias do grupo e encaminhar as discussões. Essa estratégia era chamada de círculo de cultura.

Nesta mesma visão e entendimento, Vygotsky (2009) enfatiza que o conhecimento se dá nas interações com o outro e com o meio através de signos que materializam o conhecimento, sendo a palavra um signo essencial nesse processo, o que dá sentido ao que está sendo conhecido. Assim, o professor é um mediador desse processo e é ele o responsável por realizar a “relação intercomplementar de troca” entre ser humano, seus semelhantes e seu mundo. Essa relação é ressaltada como um processo que se constrói a própria palavra ou o pensamento por meio dos signos, sendo fundamental nas relações e generalizações entre aprendizagens e auxiliando na passagem dos estágios psíquicos inferiores para os superiores.

É por meio dessas trocas, com essa construção interativa e social que os alunos conhecem, interiorizam e constroem o mundo.

## CONCLUSÕES

Diante dos estudos realizados, é necessário ressaltar que a escola precisa ser transformada, dar maior valor aos conhecimentos dos alunos, as discussões entre os participantes do processo de conhecimento do mundo e as reflexões acerca dos diversos fatores que o compõem. A escola precisa transformar o conhecimento dos alunos – de senso comum – em conhecimento cientificamente elaborado para poderem ser, de fato, agentes de criação e transformação da realidade em que vivem.

A luta, então, é estabelecida contra a educação bancária, que ainda é mantida na maioria das escolas, e a favor de uma educação que relacione os conhecimentos eruditos e históricos às vivências e a participação dos indivíduos na sociedade.

Cabe lembrar o papel do professor e da educação enquanto atos políticos imbuídos de responsabilidade na formação da pessoa para a erradicação ou, pelo menos diminuição, das relações de domínio e alienação, como também do compromisso com o ensino dos conteúdos necessários para trilharem o caminho da emancipação.

Dessa forma, esse trabalho enfatiza a necessidade de um ensino voltado ao diálogo de forma planejada e sistematizada para que não se construam novas formas de ensino que fingem as interações entre os sujeitos e os objetos de aprendizagem, mas que façam, realmente, uma nova forma de ensino na construção conjunta de saberes culturais e científicos relacionados a aspectos sociais, econômicos e políticos, formando cidadãos.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V.N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Iara Frateschi Vieira. 14ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓES, M. C. **As relações intersubjetivas na construção de conhecimentos**. In GÓES, M. C., e SMOLKA, A. M. (Orgs.) *A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação*. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p. 11-28.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_, L.S., et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Trad. Maria da Pena Villalobos. 15ª ed. São Paulo: Ícone, 2017.

## **TEACHING AND DIALOGICAL LEARNING: PATHWAYS FOR EMANCIPATION**

The present research brings a reflection on the dialogic teaching, reflective and understanding, presenting Bakhtin (2010), Vygotsky (2009) and Freire (1996; 2005) on the importance of dialogue in the teaching-learning process and emancipation of students, future citizens. In order to help teachers in the organization of teaching and dialogic learning to their students, the paper presents a bibliographical research with reflections on the pedagogical practice of dialogue whose main function is to guarantee moments of construction of scientific knowledge about the reality of the world and people. In order to do so, we seek to encourage analysis and reflection based on the students' relationship with reality itself. The bibliographical research is based on the work of Gil (2008); is qualitative and indicates the path to the study of dialogic learning and the reflections that the authors mentioned above put in relation to the personal, intellectual and social emancipation of the students. The research presents language as a necessary instrument for the construction of knowledge and dialogue as an essential source of human interactions, work has drawn relations between language, thought, dialogue, exchange of knowledge and formation of the reflective citizen, critical of his reality and transforming the which are essential characteristics for the emancipation of social agents and, consequently, for inclusion in the relations and decisions of their reality. The political character of education and teachers is also discussed in this work and seen as fundamental in changing the historical and cultural scenario of the reproduction of dominant ideologies and structures.

**Keywords:** Dialogue. Learning. Intellectual and social emancipation.